

Área temática: Administração geral
Analisando a *grounded theory* em administração
Analyzing grounded theory in administration

AUTORAS

ELIANE MARIA PIRES GIAVINA BIANCHI

Universidade de São Paulo

eliane.pires.bianchi@terra.com.br

ANA AKEMI IKEDA

Universidade de São Paulo

anaikeda@usp.br

Resumo

Este artigo discute o uso da *grounded theory* na área de administração. A *grounded theory* é um método de pesquisa sob o paradigma qualitativo que, ao longo de sua “existência” - 40 anos - suscitou vários debates no fórum acadêmico. Seus autores originais, Barney Glaser e Anselm Strauss, desenvolveram, ao longo de suas trajetórias, pensamentos distintos a respeito do processo de coleta e análise de dados, da postura do pesquisador e, da forma de obtenção do resultado da pesquisa: teoria fundamentada em dados empíricos. Em função disso, a história da evolução do método de pesquisa, a clarificação do processo do trabalho e uma análise de aplicações do método na área de administração são discutidas neste artigo para suportar reflexões sobre a aplicabilidade e potencialidade deste método de pesquisa em administração. A intenção do artigo é contribuir com pesquisadores, trazendo informações relevantes para suportar os processos de escolha deste método de pesquisa e, da fundamentação da execução deste método de pesquisa em seus trabalhos. A *grounded theory* é um método de pesquisa complexo, rico e poderoso, bastante aplicável na administração, no contexto social.

Palavras-Chave: teoria fundamentada, pesquisa qualitativa, administração.

Abstract

This paper discusses the usage of grounded theory in the administration area. Grounded theory is a method of research under the qualitative paradigm that, throughout its “existence” – 40 years – raised some debates in the academic arena. Its original authors, Barney Glaser & Anselm Strauss, developed, throughout their academic trajectories, distinct thoughts regarding the process of data collection and data analysis, the researcher attitude and the way of attainment the research results: theory grounded on empirical data. In spite of that, the history on the evolution of the research method, the research method working process clarification and an analysis of some applications in the administrative area are discussed in this paper to support reflections on grounded theory applicability and potentiality in administration. The purpose of this paper is to contribute with researchers by bringing relevant information to support the processes of choice of this research method and its proper execution in their research. Grounded theory is a complex, rich, and powerful research method, well applied in administration as part of the social science

Key words: grounded theory, qualitative research, administration.

1 Introdução

A utilização da pesquisa qualitativa vem aumentando nos últimos anos na ciência social, e em especial, na área de administração. A *Grounded Theory* é um dos métodos iniciados por Barney Glaser e Anselm Strauss, em 1967, sob o paradigma de pesquisa qualitativo. Este método evoluiu por aproximadamente 30 anos enquanto estes autores trabalharam juntos ou em outras parcerias no desenvolvimento e aprimoramento do método. Talvez em função do tempo de evolução, ou pela forma não única na qual a teoria se desenvolveu, ela, somente a partir dos anos 90, tenha começado a ser utilizada em administração. Além do tempo de espera para sua real utilização, o processo dual, contribuiu para que a bibliografia sobre o método seja um fórum de discussão das diferenças conceituais, sem uma preocupação maior com a real utilização do método, principalmente, quando aplicado à administração. Embora complexa e ampla em conteúdo sobre o método, esta bibliografia é, sobretudo, internacional, com uma série de autores que dedicaram e investiram tempo de sua carreira de pesquisa ao estudo da *grounded theory*. São exemplos: Christina Goulding e Kathy Charmaz. No Brasil, poucos trabalhos de pesquisa ou mesmo artigos sobre o método vêm sendo desenvolvidos na área de administração, podendo-se citar entre eles o de Bacellar (2005) e Ichikawa: Santos (2001). Entretanto o seu uso é mais freqüente nas áreas de sociologia, psicologia e enfermagem.

O objetivo deste artigo é analisar a *grounded theory* no paradigma qualitativo de pesquisa e discutir: a evolução da teoria, o processo de trabalho, as vantagens ou não de sua utilização, o papel do pesquisador, o desenvolvimento de trabalhos utilizando-a em administração e suas perspectivas de futuro.

2 O que é a *Grounded Theory*?

A *grounded theory* é uma metodologia para se desenvolver teoria fundamentada em dados que são sistematicamente coletados e analisados (GOULDING, 2001). Apresentada com essa definição, parece algo metódico e distante. A definição embora exata e concisa, talvez não deixe clara a riqueza de detalhes do procedimento de trabalho e resultado obtido com este método de pesquisa. É necessário esclarecer o que Glaser e Strauss (1967, p. 32-33) entendiam por teorias que, dessa forma, afirmam existirem dois tipos básicos de teorias: as formais e as substantivas. O primeiro tipo é composto do que os autores chamam as “grandes” teorias, conceituais e abrangentes, enquanto que o segundo tipo se refere a explicações para situações cotidianas sendo, portanto, mais simples e acessíveis. Para Glaser e Strauss, o tipo de teoria a ser desenvolvido pela *grounded theory* se enquadra no segundo tipo, das teorias substantivas, ou a que foi desenvolvida por uma área de investigação empírica.. Segundo Hutchinson (1988, p. 124), Glaser e Strauss acreditavam que a *grounded theory* poderia ser usada para gerar teorias substantivas que, ao contrário das grandes teorias formais, explicariam melhor as áreas específicas da pesquisa empírica já que essas teorias nasceriam diretamente de dados do mundo real. O termo *grounded theory* foi traduzido para o português como: teoria fundamentada, teoria fundamentada em dados ou teoria embasada. Segundo Goulding (2002, p. 43) a *grounded theory* é um método qualitativo tendo, portanto, muitas semelhanças com os demais métodos qualitativos, tais como a etnografia (estudo descritivo e interpretativo da realidade do grupo) e a fenomenologia, ou seja, quando há uma forte ênfase na subjetividade da realidade construída pelos respondentes (HANNABUSS, 1996). Embora sua finalidade seja a construção de teorias, sua utilização não necessariamente precisa ficar restrita apenas aos pesquisadores que tem esse objetivo de pesquisa. Para Strauss e Corbin (2000, p. 288), “o pesquisador pode usar alguns, mas não todos os procedimentos para satisfazer seus objetivos de pesquisa”. O método sofre forte influência do interacionismo simbólico, uma perspectiva metodológica frequentemente discutida na literatura de sociologia e de psicologia social que compreende observar e entender o comportamento a partir do ponto

de vista dos participantes; aprender sobre o mundo dos participantes, suas interpretações de si mesmos no contexto de determinadas interações e sobre as propriedades dinâmicas das interações (LOCKE, 2001, p. 25). Para Denzin (2001, p. 119), interpretar é “a tentativa de explicar os significados”. O Quadro 1 compara alguns pontos entre *grounded theory*, fenomenologia, etnografia e etnografia já que possuem bastantes similaridades e diferenças sutis. Os métodos têm em comum, por exemplo, a investigação qualitativa, interpretativa e subjetiva da vida dos indivíduos e seus comportamentos; a observação e o uso de dados não estruturados. Vale ressaltar que os campos desses métodos são vastos e difusos, sendo difícil defini-los de forma única e objetiva. Portanto, minimizá-los a apenas uma lista de suas principais características é violentar as complexidades da pesquisa e de seu desenvolvimento histórico (ATKINSON *et al.*, 2001).

Quadro 1 – Alguns pontos comparando *grounded theory*, fenomenologia, etnografia e interacionismo simbólico

	Grounded Theory	Fenomenologia	Etnografia	Interacionismo simbólico
Definição	Método de pesquisa qualitativa que usa um conjunto sistemático de procedimentos para desenvolver e derivar de forma indutiva uma teoria fundamentada sobre um fenômeno. (STRAUSS; CORBIN 1999, p. 24).	Conceituada como uma filosofia – esquema para descrição e classificação de experiências subjetivas do mundo vivido ou uma metodologia – incorpora detalhes da experiência freqüentemente no nível de vida cotidiano e mundano (GOULDING, 2005). Procedimento descritivo para examinar a experiência consciente (NATASAN, 1973 <i>apud</i> GOULDING, 2005).	Forma de investigação naturalística que tem um interesse específico na cultura (SARANTAKOS, 1993 <i>apud</i> PETTIGREW, 2000, p. 256)./Ato de observação direta do comportamento de um grupo social e produção de uma descrição advinda dessa observação (MARSHALL, 1998)./Ilustração de uma vida social ou cultural, mundo ou experiência (AGAFONOFF, 2006, p. 117)	Perspectiva teórica e metodológica que salienta os significados simbólicos e como os símbolos relacionam-se com a interação social (SCLENKER, 1980 <i>apud</i> MENDONÇA, 2001).
Objetivos	Desenvolver conceitos, teorias fundamentadas a partir das palavras e ações dos indivíduos em estudo onde pouco é conhecido.	Aumentar e aprofundar conhecimentos oriundos das experiências. Para desenvolvimento e entendimento de questões complexas que podem não estar implícitos nas respostas superficiais.	Identificar padrões e idéias que auxiliem a explicar a existência de padrões, considerando interpretações <i>emic</i> (perspectiva do nativo/pesquisado) e <i>etic</i> (do pesquisador)/ Tentativas de entender como as pessoas desenvolvem suas próprias definições de uma situação/ Observa os procedimentos do grupo empregados para criar, sustentar e administrar sua estrutura social, sua interação e sua visão de realidade.	Entender a vida humana em grupo e como as pessoas agem em relação às coisas com base nos significados que as coisas têm para eles. O significado dos objetos é derivado de, ou origina-se da interação social. Os significados são manejados e modificados através de um processo interpretativos das pessoas ao lidarem com os objetos.
Fontes/ Coleta	Informantes que tem mais condições de oferecer informações iniciais. Coleta de dados que podem combinar diversos métodos: levantamentos, experimentos, estudos de caso. Múltiplas fontes de dados: primárias e secundárias.	Participantes com seus pontos de vista (tomados como fatos). Participantes são selecionados somente se vivenciaram a experiência em estudo. Linguagem e palavras é o veículo principal para transmissão de significados.	Participação prolongada do pesquisador em campo com os participantes em seu ambiente natural. O pesquisador faz parte do mundo em estudo e é afetado por ele. Fontes múltiplas de coleta de dados variando de levantamentos a observações, fitas de vídeo, fotografias e gravações de discursos.	Observação das interações humanas é sua fonte de dados básica. O investigador deve adotar a perspectiva e ver o mundo a partir do sujeito estudado.
Análise	Natureza flexível e aberta por meio de comparação constante/ Coleta de dados e análise são feitas simultaneamente./ Incorpora o entendimento e tentativas do pesquisador em desenvolver estruturas teóricas explanatórias representando estruturas e processos observados.	Descrição e classificação de experiências subjetivas do cotidiano sem considerar a origem psicológica. Reflexão na experiência consciente, em vez de motivações inconscientes.	Descrição densa e interpretativa.	Procura-se relacionar símbolos e interação./ Interpretação de ações, ir além das descrições ricas e desenvolvimento de teoria que incorpore conceitos sobre as pessoas, linguagem, local social e objeto social.

Fonte: Baseado em Natasan (1973) *apud* Goulding 2005, Sarantakos (1993), Parker, Lee D.; Roffey (1997), Marshall (1998), Strauss; Corbin (1999), Goulding (1999,), Agafonoff (2006 *apud* Pettigrew,(2000), SCLENKER (1980) *apud* MENDONÇA (2001)

Para contextualizar e desenvolver a definição de *grounded theory* faz-se necessário discutir o paradigma qualitativo de pesquisa. Este termo é utilizado por Creswell (1994) que especifica como paradigma uma realização científica reconhecida, que fornece problema e solução-modelo para uma comunidade de profissionais. Baseando-se num paradigma, um pesquisador reflete suas crenças e forma de ver o mundo de acordo com a forma que projeta sua pesquisa, coleta e analisa informações e até, de como redige seu trabalho. O paradigma qualitativo surge porque alguns cientistas sociais questionaram o paradigma quantitativo. O paradigma quantitativo vem das ciências naturais, no qual se estuda objetos e se chega a conclusões universais e experimentos repetíveis. Esse processo tem também um caráter dualista, no qual existe uma pessoa observadora e um objeto de estudo (FERNANDES & MAIA, 2001).

Quando se começou a trabalhar ciência social, final do século XIX, percebeu-se duas diferenças com relação ao processo de estudo das ciências naturais: os objetos de estudo eram os comportamentos e ações que são gerados dentro da mente humana e, muitas vezes o observador não está distante ou não envolvido com o fenômeno (fato ou ocorrência que aparece ou é percebida, quando se tem uma causa em estudo (COLLIS & HUSSEY, 2005)). Mesmo com essa mudança de foco, ainda é muito utilizada a metodologia quantitativa para a pesquisa nas ciências sociais, talvez por maior conhecimento das técnicas por parte do pesquisador, ou pela universalidade de resultados proposta pelo uso das mesmas. Com o interesse nas ciências sociais começaram a aparecer métodos de estudo com o pressuposto qualitativo. Esses métodos sempre foram muito questionados, em vários aspectos, especialmente o contraponto ao citado anteriormente: processo de trabalho, não universalidade dos resultados e subjetividade de análise, tanto do ponto de vista do envolvimento do pesquisador, quanto ao caráter qualitativo dos resultados.

Independente das críticas ao processo qualitativo, Glaser & Strauss procuravam uma forma de aumentar a validade das análises em seus estudos, isto é, diminuir a falta de correspondência à realidade em seus trabalhos sociológicos. Os dois estavam trabalhando na Universidade da Califórnia em São Francisco estudando a morte de doentes terminais em contexto hospitalar quando escreveram em 1967 "*The Discovery of Grounded Theory: strategies for qualitative research*" (CHARMAZ, 2006).

Alguns pressupostos são assumidos por esses autores no desenvolvimento e proposição da *grounded theory*. O primeiro deles é que a relação: pesquisador, realidade e teoria são contínuas e intrínsecas, isto é, o pesquisador interage com a realidade e formata a teoria de forma contínua ao longo do tempo e processo (FERNANDES & MAIA, 2001). O segundo é que a teoria evolui durante o processo de pesquisa e é o resultado de contínua interpolação de dados e análise (GOULDING, 1998). Com o exposto, pode-se completar a definição da teoria mencionada anteriormente acrescentando-se que é uma metodologia indutiva utilizada para gerar teoria através do processo sistemático e simultâneo de coletar e analisar dados. Talvez até por ser o método qualitativo um método em contínuo questionamento, os autores foram bastante específicos sobre os critérios que a teoria final desenvolvida deveria obedecer: viabilizar a predição e a explicação do comportamento, ser útil para o avanço teórico na área da sociologia, ser aplicável na prática, manter uma perspectiva em comportamento, guiar e suportar um estilo de pesquisa para algumas áreas do comportamento e, a teoria deveria conter categorias e hipóteses bem claramente desenvolvidas que poderiam ser verificadas em estudos futuros (GLASER & STRAUSS, 1967 *apud* GOULDING, 2001). No exercício da *grounded theory*, como em outros métodos de pesquisa qualitativa (a etnologia e a fenomenologia, por exemplo), pode-se utilizar qualquer tipo de informação, vinda de qualquer fonte (entrevistas, observação, materiais escritos e

relações envolvendo todas essas fontes). Recomenda-se a utilização desse método de pesquisa em situações onde pouco é conhecido e não se têm referências àquele assunto. Embora o objetivo da *grounded theory* seja o desenvolvimento da teoria, não se pode dizer que ela é um processo a-teórico, pois um pesquisador envolvido no processo traz consigo conhecimento de teorias e outros trabalhos empíricos e durante o processo de trabalho pode-se recorrer a fundamentos teóricos para auxiliar o tratamento dos dados.

O método, com a descrição apresentada anteriormente, pode parecer um pouco árido ou teórico. Porém, antes de fazer o detalhamento do processo de trabalho para uma maior avaliação e entendimento do método de pesquisa, faz-se necessário explicar a evolução do mesmo. Após o trabalho inicial, os autores continuaram a trabalhar no método - inclusive com outros parceiros - ao longo de aproximadamente 30 anos, até a morte de Strauss em 1996. Eles evoluíram a teoria com visões bem distintas. Hoje, pode-se utilizar qualquer das vertentes, ou mesmo uma junção destas. Talvez, este tenha sido o grande “calcanhar de aquiles” desse método de pesquisa qualitativa já que muito se ateuve ao seu desenvolvimento e discussão e, pelo menos no campo da administração, pouco tenha sido desenvolvido em termos de aplicação prática com usos e resultados.

3 A evolução da *Grounded Theory*

Pode-se dizer que a *grounded theory* já nasceu com questões críticas e polêmicas. A primeira delas foi o próprio nome: que representava um desafio à abordagem tradicional - quantitativa - já que fugia ao processo de suporte teórico impondo regras as coletas de dados e sua análise posterior (ICHIKAWA & SANTOS, 2001). A segunda questão foi a utilização da palavra teoria no nome do método, que evocava o paradigma quantitativo e a ciência natural sugerindo erroneamente o processo de trabalho de inter-relacionar conceitos e apresentar uma visão sistemática do fenômeno, explicando-o.

No livro “*The Discovery of Grounded Theory*”, os autores foram muito precisos nos pressupostos e critérios, mas eles pouco investiram com relação à descrição de procedimentos de trabalho. Ao longo da vida desses pesquisadores, eles desenvolveram, buscando detalhar um processo de operacionalização do método de pesquisa, praticamente dois métodos distintos. Talvez isso se deva à diferença conceitual fundamental entre os autores que, em um momento no tempo, trabalhando juntos, conseguiram compor, mas, ao longo do tempo, e com vários novos trabalhos, demonstravam cada vez mais essas diferenças.

Para explicar as diferenças conceituais deve-se traçar o perfil de cada autor. Glaser é formado em Colúmbia, “em filosofia analítica e pesquisa quantitativa, mas estudou com Paul Lazarsfeld em métodos inovadores e qualitativos. Tem uma posição radical de que o pesquisador deve ir ao campo sem uma teoria pré-determinada, para não enviesar sua interpretação” (STRUEBING, 2000 *apud* ICHIKAWA & SANTOS, 2001). Já Strauss, estudou em Chicago “com Herbert Blumer e Everett C. Hugles e trabalha no campo de forma pragmática. Tem o pressuposto de que o conhecimento prévio é um meio indispensável para que os dados empíricos tenham sentido” (STRUEBING, 2000 *apud* ICHIKAWA & SANTOS, 2001). Essas diferenças básicas, no início não apareceram. O trabalho do primeiro livro foi bem elaborado e completo e até apresentava entre os princípios, condições explícitas que se apoiavam sobre uma ou outra das posturas mencionadas anteriormente, mas sem contradições. Por exemplo, sobre o pesquisador, eles afirmam que se o mesmo se compromete como uma teoria específica pré-concebida pode-se não conseguir olhar além desta teoria (GLASER & STRAUSS, 1967).

Ao longo de suas carreiras, os autores desenvolveram trabalhos em áreas diversas e voltaram a discutir e estudar a *grounded theory*. Em 1990, Strauss junto com Juliet Corbin escreveu “*Basics of Qualitative Research: grounded theory procedures and*

techniques”. Pelo título já se pode entender a intenção desses autores. O objetivo foi sistematizar o método de campo e análise dos dados. Nesse livro além de voltar às origens de Strauss, isto é, reforçar que o conhecimento prévio aplicado ou uma base de literatura pode ser utilizado e é recomendável ao método, a nova dupla elaborou um processo sistemático de codificação que guiaria o desenvolvimento da pesquisa realizada sob o método *grounded*. Glaser reagiu ao livro escrevendo em 1992 “*Basics of grounded theory analysis*” que completa seu exemplar anterior de 1978 “*Theoretical Sensitivity*”. No primeiro livro ele escreve sobre a evolução da elaboração do problema de pesquisa, que pode acontecer ao longo da pesquisa e se posiciona com relação à *grounded* como um método bastante livre, baseado em experiências anteriores, habilidade de campo e analítica do pesquisador e na busca da descoberta da teoria. No segundo, questiona o processo de codificação proposto por Strauss & Corbin argumentando que o método qualitativo proposto tinha como objetivo quantificar descobertas. Hoje, até um *software* pode ser utilizado para suportar o método *grounded*. O debate entre eles continuou até a morte de Strauss, em 1996.

Porém, muitos autores discutem esse debate em vários artigos e livros sobre a *grounded theory*, sobretudo sobre o perfil de cada autor, as controvérsias, as diferenças de postura e evolução do método. O dilema central e principal nesse debate é se a teoria compele a análise de dados ou emerge desta análise. O Quadro 2 mostra a visão de Parker e Roffey (1997) das diferenças entre os autores do método.

Quadro 2 – Uma comparação da metodologia *grounded theory* segunda o orientação de Strauss e Corbin versus Glaser.

Glaser	Strauss e Corbin
1. Duas questões essenciais: <ul style="list-style-type: none"> • Qual são as principais pessoas do problema/preocupação na área em estudo? • Em qual categoria a preocupação se encaixa? O problema de pesquisa é inteiramente dependente da pesquisa e das percepções dos atores depois que o pesquisador iniciou a pesquisa.	1. A questão de pesquisa é uma afirmação que identifica o fenômeno a ser estudado. O pesquisador pré determina o assunto geral de investigação antes de iniciar a pesquisa.
2. Método analítico mais geral na estrutura de referência.	2. Etapas de análise mais estruturadas.
3. O problema emerge e não deve ser “forçada” pela metodologia. Categorias e suas propriedades “emergem” pela comparação constante de incidentes, percepções, relacionamentos e questões. O objetivo é o de identificar inconsistências, contradições, lacunas nos dados emergindo o consenso nos aspectos chaves e relacionamentos.	3. Pesquisadores necessitam de ajuda no processo de interpretação: é preciso explicar os procedimentos e técnicas. Subcategorias são ligadas a categorias que denotam um conjunto de relacionamentos, isto é, condições causais, estratégias de ação/interação, e conseqüências.
4. Pode ser difícil de operacionalizar.	4. Mais fácil de operacionalizar
5. Gera conceitos e seus relacionamentos para explicar e/ou interpretar variações no comportamento na área substantiva em estudo.	5. Gera uma teoria derivada indutivamente sobre um fenômeno incluindo conceitos inter-relacionados.
6. Produz uma formulação teórica ou conjunto de hipóteses conceituais. Teste é deixado para outros pesquisadores interessados no trabalho.	6. Encarrega-se de verificação e teste constante para determinar provável validade de conceitos e relacionamentos entre eles.

Fonte: Adaptado de PARKER, Lee D.; ROFFEY, Bet H. Back to the drawing board: revisiting grounded theory and the everyday account's and manager's reality. **Accounting, Auditing & Accountability Journal**. v. 10, n. 2, p. 221, 1997.

Em resumo as maiores diferenças recaem em: (i) abordagem de geração do problema de pesquisa em foco; (ii) grau de formalidade na estrutura dos dados de codificação; (iii) o grau de formalidade da geração de uma estrutura teórica.

Trazendo a questão para a aplicação nas ciências sociais, o administrador pesquisador passa a ter um dilema com o método. Primeiro, para entender o método deve ler várias publicações, em alguns casos começando pelo primeiro livro, a base de 1967 que é um livro aplicado à sociologia e não à administração. Locke ressalta que o método foi inicialmente desenvolvido como respostas à falta de teorias geradas na sociologia (LOCKE, 1996). Depois, deve se fazer a evolução dos processos e optar ou comungar as práticas explicitando suas escolhas. Não é à toa que o método ainda não é utilizado em plenitude. Além disso, talvez haja uma predileção pelo desenvolvimento de Strauss & Corbin, mais associável ao paradigma quantitativo, em função do papel representado pelas técnicas quantitativas na pesquisa e pela maior facilidade de se justificar procedimentos de trabalho.

4 O processo de pesquisa da *grounded theory*

Em função de este artigo ser direcionado para a área de administração dentro da ciência social, é necessário fazer uma opção sobre qual vertente de desenvolvimento dos autores um pesquisador deve utilizar, e nesse caso, enfocar como suporte para a análise do método. Glaser propõe um método que traz mais riscos e é menos focado, enquanto Strauss pode ser visto como mais mecanicista e inflexível. Como os adjetivos mencionados são utilizados de forma extremada por outros autores, opta-se aqui, por desenvolver e posicionar o método formulado por Strauss com algumas menções ao posicionamento de Glaser. Essa licença de uso do método é baseada nas análises dos debates existentes na literatura e, por ser também, um processo realizado por outros pesquisadores. A explicação do método de pesquisa é necessária, já que em várias bibliografias, a descrição e explicação do processo de trabalho são mantidas em segundo plano. Sem o conhecimento do processo de trabalho e potenciais resultados, fica difícil fazer a escolha da utilização da *grounded theory*.

4.1 Definindo-se a questão da pesquisa

A questão de pesquisa é um fenômeno, definido para o estudo. Dentro da definição de fenômeno revista anteriormente no paradigma qualitativo, para a utilização da *grounded*, está mais relacionada a um comportamento do que uma ação humana.

Para a definição da questão de pesquisa, devem-se formular questões abertas que induzam a análise do comportamento com toda a profundidade que se faz necessário no uso deste método. A questão também deve induzir a flexibilidade de opções de busca e análise de dados, já que a proposta do método é desenvolver teoria.

Glaser posiciona fortemente que o problema pode evoluir ou até mesmo se configurar ao longo do processo de pesquisa, isto é, novas questões vão aparecendo (GOULDING, 2001). Como o processo é indutivo, embora pareça desafiador e arriscado entrar num processo de pesquisa dessa forma, não é de todo desfocado; cabe ao pesquisador saber conduzir o processo e, entender o encaminhamento do problema de pesquisa.

Uma questão aparece se um pesquisador resolver utilizar a *grounded theory* como método de pesquisa para tratar um problema numa área da ciência social que já tem bibliografia extensa, sólida e com base empírica. Goulding (2001) justifica que se pode ir em frente com a utilização do método, porém, deve-se posicionar a pesquisa no tempo, de uma forma que o contato recente com a literatura, não influencie e traga viés ao pesquisador.

4.2 Definindo-se os elementos de estudo

A definição dos elementos de estudo é tratada no método *grounded* como *Theoretical Sampling*. Este termo traduzido para o português pode trazer uma série de questionamentos: como uma amostra pode ser teórica? Entretanto não se trata de uma amostra em seu sentido estatístico: um subgrupo de uma população que representa o principal interesse de estudo e se apresenta de modo representativo para viabilizar posterior condução de análises estatísticas (COLLIS & HUSSEY, 2005); nem de uma teoria - conjunto de conceitos, definições e proposições inter-relacionados e antecipados para explicar e prever fenômenos (COOPER & SCHINDLER, 2003) suportando uma amostra. Buscar a teoria é o objetivo do método. O *theoretical sampling* são indivíduos, situações, eventos idealizados para o processo de análise. Intencionalmente forma-se um grupo foco para o estudo e, ao longo dos trabalhos, o grupo se torna 'teórico' à medida que suporta a criação de hipóteses e desenvolve teorias. Esse grupo pode ir se ajustando intencionalmente ao longo do processo, isto é, novos grupos podem ser definidos e incorporados ao processo.

Com o exposto anteriormente, pode-se questionar duas coisas: representatividade desses elementos de estudo ou ética referente à escolha do grupo de estudo. Estes dois temas são alinhados e interligados. O grupo de elementos de estudo embora sem necessidade de simbolizar um grupo representativo estatístico (requisito não necessário no paradigma qualitativo de pesquisa) deve conter a variação e representar as tipicidades necessárias para a pesquisa. Por outro lado, já que o grupo é escolhido propositadamente e transformado/completado intencionalmente pelo pesquisador ao longo dos trabalhos, o pesquisador precisa demonstrar o comportamento ético com relação ao seu compromisso com conteúdo e resultado de seu trabalho. Uma tendência, uma escolha premeditada pode colocar viés no resultado esperado. No caso da *grounded theory* não se tem compromissos e sim uma expectativa com busca de uma teoria fundamentada em achados empíricos. Uma premeditação de escolha de elementos pode ser analisada como um comportamento amoral para com a ciência social (NICHOLSON, 1994). Pode parecer muito forte a introdução desta questão ética na fase do detalhamento do processo de trabalho deste método de pesquisa. Mas ela se faz necessária dada a crescente preocupação com a questão ética nas ciências sociais e no mundo, e também serve como uma introdução e pano de fundo para o processo a ser detalhado a seguir.

Dada a questão de pesquisa e a definição dos elementos de estudo, parte-se para a coleta e análise de dados, processo este bastante vinculado ao comportamento, propósito, intenção e preparo do pesquisador.

4.3 O trabalho – baseado em comparações contínuas e sucessivas

A forma de coleta de dados sugerida pela *grounded theory* é um apanhado de várias outras técnicas qualitativas: entrevistas, análise de discursos, estudo de casos, análise de memorandos e outros documentos já escritos. Glaser (1978) *apud* Goulding (2001) coloca que material de suporte já redigido é muito útil, já que o processo de comparações se baseia na real escolha e explicitação das palavras por parte dos envolvidos como elementos de estudo e, no caso, com material já escrito, é minimizado o viés por parte do pesquisador. Os dados coletados são desmembrados, analisados e comparados, sucessivamente. A comparação de diferenças e similaridades entre incidentes observados nos dados coletados é que promovem a diretriz para a busca de novos dados. Uma boa forma de entender a sistemática do processo de comparação

sucessiva e obtenção da teoria está no procedimento proposto por Strauss e Corbin (1990).

4.3.1 Codificação Aberta:

A codificação aberta é a primeira fase do processo de análise de dados. Vale a pena lembrar que a análise pode levar o pesquisador a realizar novas coletas, se necessário. Todo o material coletado é transcrito, as frases analisadas e são selecionadas palavras-chave. Nessa fase, centenas de palavras-chave são selecionadas. As palavras-chave geram conceitos (progressão de uma descrição para explicar o relacionamento entre os incidentes, Goulding, 2001). Os conceitos são abstraídos pelo observador através da análise das palavras-chave. Em alguns casos podem ser as próprias palavras. Para um pesquisador realizar esse processo precisa fazer perguntas estratégicas ao conteúdo selecionado como: Que estratégia resulta daquele comportamento? Há condições diferentes de incidência? Como aconteceu o comportamento? Aos conceitos sugeridos são designadas propriedades sempre em um processo de pensamento indutivo.

Percebe-se que o processo é bastante trabalhoso, e mais que isso, depende da experiência e intenção do pesquisador. Mesmo utilizando-se de um *software* como suporte, a interface e foco de análise são direcionados pelo pesquisador.

4.3.2 Codificação Axial:

A codificação axial é a fase seguinte do processo. Ela se faz necessária em função do grande volume de conceitos originados na fase anterior. Trata-se agora de analisar os conceitos selecionados, fazer uma reorganização e, destes extrair uma idéia central e suas subordinações. Não se trata de condições estratégicas ou conseqüências. O processo de trabalho segue sendo o de fazer perguntas para suportar o processo de análise. Nessa fase, pode-se voltar ao campo, aumentar os elementos de análise e acessá-los, ou mesmo voltar ao conjunto de elementos inicial e fazer uma nova busca por dados. Esta fase é um processo dedutivo e indutivo, isto é, deduz-se codificação e se abre novamente a busca para validá-lo ou não. Para simplificar o entendimento, faz sentido reportar ao processo esquemático da figura 1, apresentada a seguir. Strauss e Corbin. (1990) argumentam que, nesta fase o processo de desenvolver a análise através das percepções de diferenças, acrescenta densidade e variação a análise.

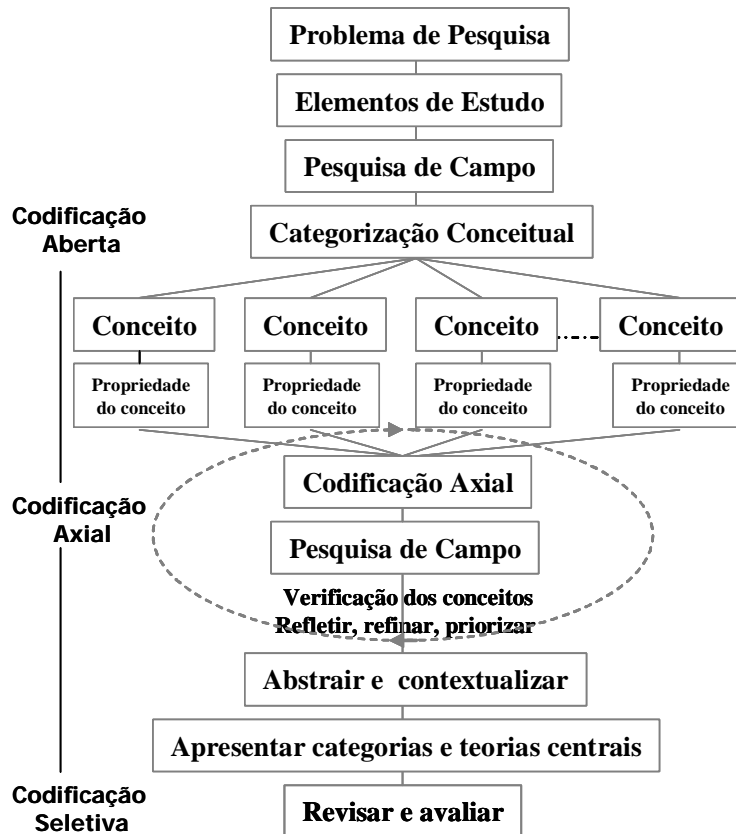
4.3.3 Codificação Seletiva:

Esta fase do processo, em inglês tem o nome de *core categorization*. É a fase mais abstrata. Nesta fase, o processo chega ao seu final, quando ocorre a saturação teórica, isto é, nenhum novo dado acrescenta novas nuances ao processo de análise e categorização. É validada e assume-se um compromisso com a categoria central definida. A categoria central é a que recorre mais desde a primeira fase de codificação e, é a que mais tempo leva para ser saturada (GLASER, 1978 *apud* GOULDING, 2001). A categoria central estabelece o paradigma da teoria. Os dois autores do desenvolvimento inicial da *grounded* também discordam com relação a forma de elaboração da teoria. Em sua primeira formatação, Glaser & Strauss (1967) colocam que não há um único formato para se escrever a teoria. Já Strauss & Corbin (1990) propõem um formato de narrativa da seguinte forma: (A) condições levam ao (B) fenômeno, que surge num (C) contexto que leva à (D) ações e depois a (E) conseqüências.

Pode-se concluir da descrição e explicação anterior sobre o processo de trabalho utilizado pela *grounded theory*, que se trata de um método bastante complexo. Esta complexidade é percebida mesmo com a sistematização proposta por Strauss & Corbin (1990). Se a proposta não tivesse sido realizada, eventualmente, cada pesquisador além

de definir e estudar um problema de pesquisa, ao utilizar o método *grounded* teria que, para justificar seus resultados obtidos, investir um esforço grande na explicação e validação do método de trabalho utilizado.

Figura 1 – Construção de teoria por meio do processo de pesquisa



Fonte: GOULDING, Christina, **Grounded Theory**. A practical guide for management, business and market researchers, Thousand Oaks, Sage, 2002, p. 115.

Tratando este artigo da aplicação e utilização da *grounded theory* na administração, após a análise da evolução e a própria descrição e explicação do processo de trabalho, cabem algumas reflexões.

A primeira delas é sobre a utilização do método no contexto organizacional. Em função de se tratar de um processo dedutivo, indutivo e longo, o método, embora possa levar a obtenção de resultados densos e ricos, pode causar muita ansiedade e instabilidade na organização. Os elementos de estudo serão colaboradores de um contexto que podem não compreender a dinâmica do processo de trabalho e se sentir ansiosos por contínuos acessos, ou mesmo não entender o processo de contínuos acessos. Pode-se imaginar uma perseguição obsessiva de determinado dado, questionando-se a ética da pesquisa.

Outra reflexão é sobre o desenvolvimento da teoria. Por um lado, como a teoria emerge da coleta e análise dos dados, pode acontecer de o processo acabar em nada, isto é, a teoria não emergir e, a melhor decisão passa a ser abandonar o processo de trabalho. Em um contexto acadêmico, com elementos de estudo bem alinhados e esclarecidos com relação ao processo de trabalho, o foco é o pesquisador. Por um lado, ao parar o processo pode-se questionar seu conhecimento do método e sua competência de pesquisa. Por outro lado, forçar a emergência da teoria pode trazer um questionamento de

postura ética deste pesquisador. A segunda reflexão sobre o desenvolvimento da teoria realizada no contexto organizacional tem perspectivas similares, mas não com foco no pesquisador. Um movimento de parar o processo de pesquisa pode afetar os sentimentos dos colaboradores com relação à credibilidade organizacional, em última instância.

A terceira reflexão é sobre a dimensão tempo. Ao se decidir pela utilização do método sabe-se que se terá um trabalho longo, mas não se sabe ao certo quando se acabará o processo. Forçar um final pode invalidar o processo todo já que eventualmente a saturação teórica ainda não foi obtida. A dimensão tempo traz a reboque a questão recurso, seja humano ou financeiro. É importante entender em qual contexto está a utilização do método *grounded* para que a questão tempo não seja um fator de restrição.

A quarta reflexão é sobre o a aplicabilidade da teoria. Embora este termo se restrinja ao fenômeno estudado, no mundo acadêmico onde há maior compreensão de metodologias de pesquisa pode-se mais facilmente entender o processo de trabalho e validar os achados. No contexto organizacional, o resultado será teoria específica a comportamento ou grupo de comportamentos observados. Portanto, acham-se teorias múltiplas e, eventualmente a comunicação intra e inter organizacionais em alguns aspectos será dificultada já que a aplicabilidade dependeria de uma pesquisa realizada com múltiplas organizações.

Uma última reflexão é feita sobre o avanço do método. Por se tratar de um método pouco utilizado no mundo da administração, pode fazer sentido investir um esforço acadêmico em análises de potencial, utilização ou mesmo experimentação da *grounded theory* para que mais trabalhos sejam desenvolvidos sobre sua aplicabilidade, além de sua descrição e análise.

5 Riscos e potencialidades da *grounded theory* – um debate constante

As reflexões apresentadas anteriormente decorreram da descrição e análise da técnica de trabalho da *grounded theory*. Parte-se agora para uma análise dos riscos e potencialidades debatidos ao longo dos 40 anos de existência da *grounded theory*.

Glaser & Strauss apontam em seu primeiro trabalho - “*The Discovery of Grounded Theory: strategies for qualitative research*” (1967) alguns pontos fortes do método *grounded* que são recursivamente citados por outros pesquisadores do método também como pontos fortes. São estes: a fundamentação de dados empíricos traz mais aproximação com a realidade; como se trata de análise de comportamento, é um método bastante efetivo para o estudo do comportamento humano e; a ida ao campo com um referencial teórico em formação permite olhar além das teorias existentes trazendo novas perspectivas e contribuindo para o desenvolvimento da sensibilidade do pesquisador. Sem dúvida, olhar a *grounded theory* com este viés, faz do método uma proposta bastante eficiente e efetiva para a pesquisa na ciência social, até mais especificamente para a administração.

Por outro lado, a própria evolução do método de pesquisa com debates calorosos entre os pesquisadores originais e todos os demais pesquisadores que desenvolveram mais análise sobre o debate original, acabou por gerar uma lista de riscos e senões bem maior do que as potencialidades. De forma sucinta, os pontos de crítica ao método *grounded* concentram-se: na difícil operacionalização do processo – desde a definição inicial dos elementos de estudo até a formulação da teoria, e no papel e postura do pesquisador. Esse papel merece destaque na análise do método de pesquisa *grounded theory*.

6 O pesquisador da *grounded theory*: de vilão a herói

Embora se demonstre que o método de pesquisa *grounded theory* é bastante complexo e que o debate sobre as vertentes metodológicas fez dele um processo controverso, não se pode deixar de mencionar o pesquisador no processo. O pesquisador desempenha um papel fundamental no método *grounded*. Mesmo utilizando a sistemática de codificação proposta por Strauss & Corbin (1990), o pesquisador é parte inerente ao processo seja: trazendo viés em função do conhecimento prévio aplicado, seja no processo de selecionar os elementos de estudo (*theoretical sampling*), seja no exercício da sensibilidade durante as análises e definição das categorias, seja na paciência e organização aplicadas na execução do método.

Cada um dos papéis, posturas ou atividades mencionadas pode ter decorrências sérias em função da credibilidade do uso do método e da conclusão dos resultados. Retoma-se a discussão ética na qual é necessário garantir que conhecimento, intenção, propósito e foco são colocados a favor da ciência social tornando o pesquisador um agente de transformação, de agregação do conhecimento: nem vilão, nem herói.

7 O uso da *grounded theory* em administração

A *grounded theory* é um método de pesquisa relativamente novo, além disso, a polêmica existencial da teoria retardou sua utilização que começou de forma mais efetiva a partir dos anos 90 em administração.

Ao buscar referências em outros ramos da ciência social como sociologia, e mesmo na psicologia encontra-se um volume maior de bibliografia que apresentam a mesma discussão sobre os recursos e capacidade do método, mas sempre com exemplos práticos de utilização. Fernandes & Maia (2001), psicólogos portugueses são um exemplo disso. Um de seus trabalhos trata do método e cita algumas aplicações – o estudo de mulheres que apanham dos cônjuges, uma análise da tristeza ou o papel de psicólogos em processos terapêuticos. Embora elucidativos e presentes nessas áreas de estudo, o trabalho pode parecer muito distante do mundo organizacional e da administração. Eventualmente, um pesquisador pode não optar pelo método por achar que as aplicações não são relacionadas à administração e, portanto o método não se aplica a esse ramo de pesquisa (vale lembrar que o livro “*The Discovery of grounded...*” tinha como público-foco os sociólogos).

Dessa forma, é importante avaliar sobre a utilização do método em administração como fator incentivador do pesquisador desta área. Ichikawa & Santos em um trabalho de 2001, apresentado em um evento da Associação Nacional dos Programas e Pós-graduação em Administração (EnAnpad) fez uma análise da utilização de métodos de pesquisa do paradigma qualitativo em trabalhos acadêmicos. O trabalho das autoras teve como linha de partida uma pesquisa feita por Martins (1997) que analisou 126 teses e dissertações no período de 1980 a 1993, das escolas consideradas referência na área de administração do Brasil. No trabalho, fica evidente a predominância de método focalizando o paradigma quantitativo e, na minoria de trabalhos que utilizam métodos qualitativos, a diversidade ou combinação de técnicas utilizadas é grande.

Um exemplo específico de pesquisa realizada sob o método *grounded*, no Brasil, é o trabalho de Bacellar (2005) que, teve como foco, ou problema de pesquisa a compreensão da perspectiva dos professores contribuindo para o ensino de marketing. A escolha do método se deveu a premissa e objetivo principal e original do método *grounded*: inexistência de teorias sobre o assunto, caráter interativo entre os sujeitos e contexto social e certo equilíbrio entre objetividade e sensibilidade no processo de análise. A coleta de dados durou um ano, e a autora seguiu pela metodologia proposta por Strauss & Corbin (1990). Sem, contudo trazer uma teoria emergente, o trabalho atingiu o nível de conceitos e suas propriedades. Pode-se dizer que os resultados são

contributivos para o ensino, especialmente em marketing. A autora conseguiu demonstrar que o método é rico e aplicável no contexto em que foi definido.

Ao sair um pouco dos ramos da sociologia e psicologia, e mais recentemente do mundo acadêmico (como apresentado anteriormente), cabe investigar o mundo mais geral da administração. Dois autores Partington (2000) e Parry (1998) fizeram análises sobre aplicações da *grounded* em estudos de gestão e lideranças.

Partington (2000) faz uma análise sobre o estudo do comportamento gerencial. Sua abordagem principal parte do pressuposto de que o comportamento é um resultado de acordo com o modelo S-O-R (*stimulus, organism, response*). Ele contrapõe o método *grounded* como método de estudo para entender o comportamento sob o modelo citado. Após uma descrição do método e debate, propõe um método S-O-R *grounded* (que define teoria de uma forma mais simplificada e utiliza os dados sem as mesmas premissas originais). Em suma, Partington estuda a *grounded theory*, vê validade como método de trabalho qualitativo, mas propõe simplificação e customização de sua aplicação.

Parry (1998) analisa que liderança é um processo de influência social, mudança e transformação. O estudo da liderança se deu por métodos quantitativos ao longo do tempo e necessitava de métodos qualitativos, dada a sua essência. O autor cita um trabalho realizado em três empresas de transporte na Inglaterra com utilização parcial da *grounded theory*. Segundo Parry, foi possível ir além dos achados convencionais e focar temas intrínsecos à liderança como liderança informal e transformacional.

Fica evidente que a utilização de métodos de pesquisa qualitativos ainda está em fase de consolidação e, dentro desta perspectiva a *grounded theory* é uma boa opção. Porém, muitas análises teóricas vêm sendo desenvolvidas e, as aplicações práticas ainda são incipientes. Em alguns casos não utilizam o método de forma integral. Cabe aos pesquisadores buscar bibliografia sobre o tema, analisá-la e optar por embarcar neste processo rico, trabalhoso, porém polêmico e controverso.

8 Considerações Finais

A *grounded theory* pode ser percebida como um método ainda em desenvolvimento dentro da administração. Isso porque a bibliografia é descritiva da sua essência e definição e, do processo de trabalho, sem grandes incursões no universo das aplicações práticas. Isto, porém, não quer dizer que se trata de um método inadequado. Trata-se de um método rico, complexo e fortemente dependente do pesquisador. Além das questões voltadas ao paradigma qualitativo, a *grounded theory* tem sobre ela mais questões e mais sérias: sobre a teoria emergente, o que realmente significa essa teoria e sobre o tempo de utilização.

Mesmo com os exemplos e relatos de sucesso em questões de administração: liderança, comportamento de gestão e ensino em marketing; algumas das reflexões levantadas ao longo deste artigo com relação ao uso na administração podem fazer um pesquisador pensar na adequação da utilização da *grounded theory*. Goulding (2005) coloca que como ao método emergiu da sociologia, uma área de investigação focada na sociedade e no indivíduo, a aplicação parece bastante apropriada para as pesquisas que tenha implicações de comportamento. Entretanto Gummesson (2003) salienta que apesar de bastante citado como método de pesquisa nas ciências sociais ainda é subutilizado em administração e marketing. Geiger e Turley (2003) e Goulding (2000) corroboram com essa idéia, afirmando que embora os métodos interpretativos de investigação tenham crescente aceitação em administração, a *grounded theory* tem se mantido à margem desse desenvolvimento.

Espera-se que este trabalho sirva de estímulo e provocação a pesquisadores do paradigma qualitativo para com relação à *grounded theory*. Estímulo por posicionar e explicar seu processo de trabalho contribuindo assim no processo de incentivar sua utilização e, provocação, por suscitar questões relacionadas com o mundo organizacional e utilização da *grounded theory* na administração como um desafio para o pesquisador. Espera-se que conhecimentos futuros desenvolvido sobre o método e suas futuras aplicações tirem da *grounded theory* o cunho polêmico, viabilizando e validando novas aplicações específicas.

Referências Bibliográficas

- AGAFONOFF, Nick. Adapting ethnographic research methods to ad hoc commercial marketing research, **Qualitative Market Research: An International Journal**. V. 9, n. 2, p. 115-125, 2006.
- ATKINSON, Paul; COFFEY, Amanda; DELAMONT, Sara; LOFLAND, John; LOFLAND, Lyn. **Handbook of Ethnography**. London: Sage Publications, 2001.
- BACELLAR, F. **Contribuições para o Ensino de Marketing**: revelando e compreendendo a perspectiva dos Professores. 2005. 154 f. Tese (Doutorado) – Faculdade de Economia, Administração e Contabilidade, Universidade de São Paulo, São Paulo.
- CHARMAZ, Kathy. **Constructing Ground Theory**. A practical guide through qualitative analysis. Thousand Oaks: Sage, 2006.
- COLLIS, Jill; HUSSEY, Roger. **Pesquisa em Administração**. São Paulo: Bookman, 2005.
- COOPER, D.R.; SCHINDLER, P.S. **Métodos de Pesquisa em Administração**. Porto Alegre: Bookman, 2003.
- CRESWELL, John W. **Research Design**. Qualitative & quantitative approaches. London. Thousand Oaks: Sage Publications, 1994.
- DENZIN, Norman K. **Interpretive Interactionism**. 2ª ed. Thousand Oaks: Sage, 2001.
- FERNANDES, E; MAIA A. **Métodos e Técnicas de Avaliação**: Contribuições para a prática e investigação psicológicas. Braga: Universidade do Minho, 2001.
- GEIGER, Susi; TURLEY, Darach. Grounded theory in sales research: an investigation of salespeople's cliente relationship. **Journal of Business & Industrial Marketing**, v. 18, n. 6/7, p. 580-594, 2003.
- GLASER, Barney, G.; STRAUSS, Anselm, L. **The Discovery of Grounded Theory**: strategies for qualitative research. New York: Aldine de Gruyter, 1967.
- GOULDING, Christina. Grounded Theory: The missing methodology on the interpretive agenda. **Qualitative Market Research**. v. 1, n. 1, p. 50-60, 1998.
- GOULDING, Christina. Consumer research, interpretative paradigms and methodological ambiguities, **European Journal of Marketing**, v. 33, n. 9/10, p. 859-873, 1999.
- GOULDING, Christina. Grounded Theory: A magical formula or a potential nightmare. **The Marketing Review**, v. 2, n.1, p. 21- 34, 2001.
- GOULDING, Christina. **Grounded theory**: a practical guide for management, business and market researchers. Londres: Sage Publications, 2002.
- GOULDING, Christina. Grounded theory, ethnography and phenomenology. **European Journal of Marketing**, v. 39, n. 3/4, p. 294-308, 2005.
- GUMMESSON, Evert. All research is interpretative! **Journal of Business & Industrial Marketing**, v. 18, n. 6/7, p. 482-492, 2003.

HUTCHINSON, Sally. Education and grounded theory. In: SHERMAN, Robert R.; WEBB, Rodman D. **Qualitative research in education: focus and method**. Londres: Falmer Press, 1988, p. 123-140.

ICHIKAWA, E.; SANTOS, L. Apresentando a *Grounded Theory*. In: ENCONTRO NACIONAL DA ASSOCIAÇÃO NACIONAL DOS PROGRAMAS DE PÓS-GRADUAÇÃO EM ADMINISTRAÇÃO, 15 f., 2001. Disponível em: <http://www.anpad.org.br/enanpad2001-trabs-apresentados-epa.html>. Acesso em 17 mar. 2006.

HANNABUSS. Stuart. Research interviews. **New Library Word**, v. 97, n. 1129, p. 22-30, 1996.

LOCKE, Karen D. **Grounded theory in management research**. Londres: Sage Publications, 2001.

MENDONÇA, José Ricardo Costa de. Interacionismo Simbólico: uma sugestão metodológica para a pesquisa em administração, In: ENCONTRO NACIONAL DA ASSOCIAÇÃO NACIONAL DOS PROGRAMAS DE PÓS-GRADUAÇÃO EM ADMINISTRAÇÃO, 15 f., 2001. Disponível em: <http://www.anpad.org.br/enanpad2001-trabs-apresentados-epa.html>. Acesso em 17 mar. 2006.

NATASAN, M. **Edmund Husserl: philosophy of infinite tasks**, Evanston, IL: Northwestern University Press, 1973.

NICHOLSON, N. Ethics in organizations: a framework for theory and research. **Journal of Business Ethics**. v.13, n.8, p. 581-596, August 1994.

PARKER, Lee D.; ROFFEY, Bet H. Back to the drawing board: revisiting grounded theory and the everyday account's and manager's reality. **Accounting, Auditing & Accountability Journal**. v. 10, n. 2, p. 212-247.

PARRY, W. Grounded theory and social process: A new direction for leadership research. **Leadership Quarterly**, v. 9, n. 1, p. 85-106, Spring 1998.

PARTINGTON, D. Building grounded theories of management action. **British Journal of Management**, v. 11, p. 91-102, 2000.

PETTIGREW, Simone F. Ethnography and grounded theory: a happy marriage? **Advances in Consumer Research**, v. 27, n. 1, p. 256-260, 2000.

SARANTAKOS, S. **Social Research**, South Melbourne: MacMillan, 1993.

SCHLENKER, Barry R. **Impression Management: the self-concept, social identity, and interpersonal relations**, Brooks, USA: Cole, 1980.

STRAUSS A.; CORBIN, J. **Basics of Qualitative Research: grounded theory procedures and techniques**. London: Sage Publications, 1990.